

Viver consiste em aceitar o que somos e o que não seremos

Juliana de Albuquerque

Folha de S. Paulo, 8.jan.2026

Para Simone Beauvoir, a existência autêntica não estaria na realização plena de um fim, mas na tensão, mesmo que sob a forma do fracasso

Em "[Por uma Moral da Ambiguidade](#)" (1947), [Simone de Beauvoir](#) propõe uma ética de cunho existencialista baseada na ideia de que a condição humana seria fundamentalmente ambígua. Isto é, marcada pelo fato de que somos ao mesmo tempo sujeito e objeto.

Enquanto sujeitos, somos livres, traçamos planos, tomamos decisões, avaliamos e emprestamos sentido às coisas. Já enquanto objetos, nos encontramos sempre previamente lançados em situações que tendem a limitar as possibilidades de exercício da nossa liberdade.

Nos deparamos com essa ambiguidade quando refletimos sobre a [finitude](#), pois a morte sempre se apresenta como um obstáculo intransponível à plena realização dos nossos planos. Assim, por exemplo, mesmo após décadas de liderança sobre os israelitas, Moisés morre sem jamais conhecer a Terra Prometida.

Diante do que poderíamos considerar um fracasso de ordem pessoal, será que seus esforços valeram a pena? Não teria sido mais seguro e muito mais confortável para [Moisés](#) permanecer no Egito como príncipe? Em outras palavras, se vamos morrer, por que agir, para que tentar mudar as coisas e como saber se estamos fazendo o que é certo?

Uma maneira de responder a essas questões seria simplesmente afirmar que agimos para exercer nossa liberdade, pois o homem é um ser cujo ser reside em não ser e que sabemos estar fazendo a coisa certa quando o exercício dessa liberdade também proporciona a possibilidade de libertação dos outros.

Entretanto, o ser humano é ambíguo e sua subjetividade é marcada por dois momentos distintos que tentamos inutilmente dominar, como se pudéssemos optar entre um e outro, embora eles jamais se anulem.

Ao tentarmos nos fixar em apenas um desses momentos, seja enquanto sujeitos, seja enquanto objetos, acabamos por trair a nossa promessa de liberdade. Em seu ensaio, Beauvoir trata disso a partir do Segundo Beauvoir, o homem sério é aquele que "se esforça em dissipar sua liberdade no conteúdo que este aceita da sociedade, ele se perde no objeto a fim de aniquilar sua subjetividade". Ao agir dessa maneira, o homem sério se exime da responsabilidade pelas próprias escolhas.

Já a figura do aventureiro representa alguém que "ama a ação pela ação [e] encontra sua alegria exibindo pelo mundo uma liberdade que permanece indiferente ao seu conteúdo". Isto é, ele age de modo autocentrado, tratando todos como objetos sem levar em consideração o que as suas ações representam na vida dos outros.

A relevância de um personagem como Moisés para a nossa reflexão está, portanto, em ilustrar um ponto fundamental do pensamento ético de Simone de Beauvoir, de acordo com o qual uma existência autêntica não consistiria na realização plena de um fim, mas na aceitação

consciente da tensão entre aquilo que somos e o que jamais conseguiremos ser, mesmo quando essa tensão se anuncia sob a forma do fracasso. Afinal, todo fracasso também é ambíguo.

Beauvoir não menciona Moisés em seu ensaio, mas foi somente a partir da releitura do seu texto que eu consegui compreender um pouco melhor como a célebre história da morte de Moisés também comprehende uma valiosa lição sobre os desafios que nos são impostos pelo exercício da liberdade.

Moisés morre ciente de que não será capaz de atravessar o [rio Jordão](#) e sem qualquer garantia de que, ao chegarem à Terra Prometida, os israelitas manteriam a aliança. Ainda assim, em vez de se deixar abater, ele delega as suas funções a Josué e alerta o povo sobre o que está por vir.

Ao agir dessa maneira, Moisés assume o risco do próprio fracasso e, com isso, aparenta compreender que nossos projetos só se sustentam a longo prazo quando repercutem na liberdade dos outros.

Em resumo, como diz Beauvoir, "não se pode querer a liberdade sem visar um futuro aberto [...]. Todo homem precisa da liberdade dos outros homens e, num certo sentido, ele a quer sempre, ainda que seja tirano; falta-lhe apenas assumir com boa-fé as consequências de uma tal vontade".

Juliana de Albuquerque é escritora, doutora em filosofia e literatura alemã pela University College Cork e mestre em filosofia pela Universidade de Tel Aviv.